

Reformas agrárias e literárias. Pelos campos e pela página

Vitor Marques¹

1. Introdução

324

As geografias que se encontram nos espaços escolares criam esquinas de diálogo fluido, ainda que se comuniquem mediante linguagens diferentes. Uma das práticas mais difíceis ao atuar no ensino de geografia é captar as essências dos espaços e levá-las para dentro de sala de aula. Muitas das vezes, os livros didáticos não são suficientes para estabelecer contato entre a geografia escolar e as vivências do sujeito que a estuda, pois cada aprendiz carrega consigo “geograficidades” (DARDEL, 2015, p.1) latentes que permitem a experimentação dos elementos que circundam o ser.

O cotidiano escolar exige constante renovação didática. A intensidade e rapidez com que os fluxos de informação modificam-se trazem uma série de desafios aos educadores: despertar o interesse dos discentes pelos saberes acadêmicos e com eles construir diálogo, preservando a autonomia e a liberdade de cada indivíduo. Cada um carrega consigo suas leituras e interpretações de mundo. E a literatura, propriamente dita, tem o poder de cruzar horizontes diversos, oferecer ao leitor outras reflexões acerca de si mesmo e da sociedade em que vive. Em defesa da presença da arte nas instituições de ensino, como ferramenta de auxílio à formação humana, o crítico literário Antoine Compagnon nos diz que “o conto, a quimera, a ficção educam moralmente” (COMPAGNON, 2009, p.38).

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Universidade Federal de Juiz de Fora.

Despida de pudores institucionais, a arte literária é capaz de transitar pelos terrenos tortuosos dos sentimentos humanos e pôr em desconforto a consciência do ser. Nesta perspectiva, Lúcia Helena Gratão e Eduardo Marandola, ao princípio do seu livro *Geografia & Literatura*, nos dizem que a literatura “expressa a condição humana e sua existência” e, por sua vez, “não se limita à descrição de um lugar ou uma paisagem” (MARANDOLA; GRATÃO, 2010, p.10), como tampouco o deve fazer a Geografia.

Do capitão do mato ao capitão do aço, a estrutura de opressão sobre os corpos periféricos não varia muito. Servindo ao grande capital, a mentalidade escravocrata e colonizadora transcende os espaços rurais e alcança as grandes zonas urbanas. Este trabalho parte da nossa preocupação em contribuir para a construção de uma Geografia que abra portas às diversas formas de saberes e modos plurais de expressá-los. As geograficidades presentes nas obras literárias (no conto, no romance, na poesia) permitem ao leitor fazer mergulhos profundos em uma leitura capaz de construir outros tempos-espacos. Atuando na escola básica, tentamos estabelecer uma ponte entre conhecimentos científicos e produções artísticas (dando ênfase à literatura), para trabalhar os conteúdos de Geografia Agrária ministrados em turmas de segundos anos do Ensino Médio, fugindo aos materiais tradicionais. Pesquisamos uma série de romances, contos e poesias, e disponibilizamos aos estudantes um texto literário que escrevemos em denúncia à miséria, a violência, o trabalho infantil e as migrações forçadas no campo, para auxiliar nos debates acerca da estruturação do espaço brasileiro e suas relações socioeconômicas atuais. A experiência de propor a referida leitura aos discentes trouxe resultados bastante positivos, notórios inclusive nas atividades avaliativas.

Escritores como Jorge Amado, Graciliano Ramos, João Guimarães Rosa, Rachel de Queiroz e José Saramago, em seus romances, fazem retratos fidedignos da questão agrária no Brasil e no mundo. Ao utilizarmos tais obras como base para planejamento das aulas e discussões envolvendo os movimentos migratórios, as condições de vida no campo e os ciclos econômicos brasileiros, reforçamos a ideia de que a literatura, além de toda a sua carga potencialmente emancipatória do sujeito, pode também ser um recurso extremamente didático para elucidar um panorama dos fenômenos

sociais. Reconhecemos as dificuldades metodológicas em fazê-lo, e por isso buscamos realizar um trabalho que contemple as expressões artísticas sem perder a rigurosidade acadêmica. Afinal, é no geógrafo Paul Claval de *Terra dos Homens* (2014, p.57) que buscamos apoio para dizer que “a experiência geográfica vai muito além do real”.

2. As Espacialidades Líricas

Os primeiros esboços do que viria a compor posteriormente uma ciência geográfica foram escritos a partir dos relatos de viagens dos naturalistas que percorriam o planeta em fins do século XVIII e início do século XIX, colhendo impressões acerca dos atributos físicos e das espécies animais que compunham os locais por onde passavam. A escrita desses pesquisadores viajantes, não raro, fluía de uma maneira quase poética, revelando certo fascínio pelos mistérios do mundo e a preocupação em construir uma narrativa que fosse “não só descritiva e documentalista mas compensatória de prazer diante do esforço especulativo e da auto-reflexão” (PINTO, 2000, p.102). O biólogo Alexander von Humboldt, após uma expedição pelas Américas (conhecidas como o “Novo Mundo”), organiza os seus relatos e publica-os nos *Quadros da Natureza*. Fazendo uso de uma linguagem prosaica, Humboldt começa o seu primeiro capítulo por descrever as estepes e os desertos da seguinte maneira:

Junto das altas montanhas de granito, que desafiaram a erupção das águas, ao formar-se, na mocidade da Terra, o mar das Antilhas, começa uma vasta planície que se estende até se perder de vista. Se, depois de atravessar os vales de Caracas e o lago Tacarigua, semeado de numerosas ilhas, e no qual se reflectem os plátanos que lhe assombream as margens, se passar pelos prados onde brilha a verdura clara e suave das canas de açúcar do Taiti, ou se deixar para trás a sombra densa dos bosquezinhos de cacau, a vista dilata-se e descansa para o sul sobre estepes as quais parecem ir-se levantando gradualmente e desvanecer-se no horizonte. (HUMBOLDT, 1952, p.5)

A Geografia científica que começa a se fortalecer no século XIX, mesmo sob grande influência dos relatos de viajantes naturalistas dotados de uma escrita mais orgânica e leve, como o exemplo supracitado de Humboldt, caminha para uma tendência de se fechar em um linguajar técnico, acompanhando um movimento mundial

de ciência positivista, no qual a legitimidade e confiabilidade das produções científicas estavam associadas aos resultados quantificáveis e passíveis de enquadramentos em leis gerais que as pesquisas pudessem trazer. Não somente nas ciências exatas, o período moderno incorpora também às ciências humanas a lógica da racionalidade intensa, polarizando a intelectualidade em dois campos ditos opostos e não dialógicos: de um lado, a ciência que lida com dados matemáticos; do outro, as expressões artísticas.

Durante décadas, a parte que coube à literatura nesse latifúndio epistêmico foram os vagões mais periféricos de um trem que busca o progresso a todo vapor. No caso da epistemologia geográfica, é recente o movimento de renovação que abre maiores brechas para a acomodação das expressões literárias. Concordamos com Marandola e Gratão (2010, p.8), quando dizem que “ciência e arte encontram-se menos distantes do que aparentam” e que os enfoques e estilos da geografia são tão múltiplos quanto os da literatura (MARANDOLA; GRATÃO, 2010, p.10). Ao falar de uma ciência que busca compreender o espaço humano em sua dinamicidade – nas palavras de Santos (1988, p.37): as “metamorfoses do espaço habitado” – não podemos ignorar a tamanha carga geográfica presente nas obras literárias. Em *Pedagogia Profana*, Jorge Larrosa nos diz que o texto é um “elemento líquido da metamorfose” em que o leitor pode “submergir para emergir transformado” (LARROSA, 2006, p.108). Assim, podemos estabelecer a relação de que se a literatura é capaz de metamorfosear a consciência humana e suas construções identitárias, também pode fazê-lo nas dimensões do espaço geográfico, uma vez que este se remodela também através do trabalho dos seres humanos.

Ainda que muitas vezes construa seu enredo sob localidades fictícias, a literatura traz elementos que nos ajudam a delinear em nosso imaginário um lócus espacial para a trama que se desenvolve, dotado de uma geografia própria, paisagens que se mesclam no ideário do leitor e o convidam a experimentar outros mundos possíveis. A “Terra Média”, criação do escritor sul-africano John Ronald Reuel Tolkien, universo imaginário à parte onde se desenvolvem diversas histórias, dentre elas a saga do *Hobbit* Bilbo Bolseiro (TOLKIEN, 2013), atribui-se de uma espacialização ricamente detalhada de sua geomorfologia, sua hidrogeografia, seus aportes vegetacionais: a exemplo da cordilheira das

Montanhas Sombrias, a qual Bilbo atravessa com seus companheiros de jornada para cruzar o Grande Rio das Terras Ermas, atravessar a Floresta das Trevas e chegar à Montanha Solitária. Durante a obra de Tolkien, vários trechos descrevem minuciosamente o plano físico onde se desenrola o enredo. Outra exemplificação dessa construção espacial a partir do fictício seria a saga do bruxo londrino Harry Potter: alguns fãs da história criada por Jeanne Rowling são capazes de descrever de olhos vendados a *Câmara Secreta* que dá nome ao segundo livro da série, uma vez que acompanharam Harry de perto quando o protagonista

se viu parado no fim de uma câmara muito comprida e mal iluminada. Altas colunas de pedra entrelaçadas com cobras em relevo sustentavam um teto que se perdia na escuridão, projetando longas sombras negras na luz estranha e esverdeada que iluminava o lugar.

Com o coração batendo muito depressa, Harry ficou escutando o silêncio hostil. Será que o basilisco estaria à espreita num canto sombrio, atrás de uma coluna? (ROWLING, 2000, p.227)

328

Contudo, a literatura não trabalha apenas com lugares fictícios. Aliás, é bastante comum que tenhamos uma trama literária desenvolvida em cenários reais, utilizando períodos históricos verídicos. *O Quinze*, romance escrito por Rachel de Queiroz, nos remete ao grande movimento migratório no sertão nordestino brasileiro, decorrente da intensa seca de 1915, que levou milhares de famílias sertanejas a abandonarem seus casebres e pertences para fugir da sede que já havia matado tantos entes queridos e demais seres vivos ao redor. Não por acaso, o romancista Graciliano Ramos batiza o seu livro com o título de *Vidas Secas*, construindo também uma narrativa em torno do drama dos retirantes que, tal como os pássaros, migravam para o Sul em busca de água. Em ambos os livros, a narrativa convida o leitor a sentir-se envolto pela sequeidão dos ambientes – desde a aridez das palavras dos personagens até a descrição das paisagens onde há o calor escaldante, a escassez de organismos vivos e a vegetação baixa, rarefeita, de troncos retorcidos.

A experiência literária tem a capacidade de redefinir as nossas lugaridades. Tal qual o *Operário em Construção* de Vinicius de Moraes, somos reconstruídos pela “dimensão da poesia” (MORAES, 1979, p.70); emergir em determinada leitura pode tocar profundamente a experiência geográfica do indivíduo e, como um modal de transporte, levá-lo a experimentar novas paisagens capazes de remodelar algumas de suas concepções de mundo.

Buscamos em Dardel (2015, p.1) a expressão “Geograficidade” – percepção geográfica do sujeito enquanto ser-no-mundo – para defender a hipótese de que o espaço geográfico não é uma categoria alheia aos sentimentos humanos. Não por acaso, a língua portuguesa utiliza o vocábulo “sentido” para designar tanto as faculdades da percepção fisiológica quanto o rumo de uma trajetória, entre outras definições encontradas em Ferreira (2001, p.631). Logo, orientar-se no espaço também implica em maneiras de senti-lo. Quando uma obra literária traça retratos de um determinado espaço-tempo, o leitor tende a se embrenhar pelas veredas quiméricas do texto que se apresenta e fazer parte daquela narrativa como se vivesse de fato aquela realidade.

Acreditamos que trabalhar a Geografia em sala de aula envolve ir além dos conceitos fundamentais da ciência geográfica, investigando o que nos faz plenamente humanos. Novamente, não negamos a dificuldade de articular os encontros entre ciência e arte, mas o presente trabalho consiste em uma tentativa nossa de estimular os educandos para que suas geograficidades falem mais alto que o ranço dogmático ainda fortemente presente nas esferas educacionais. Que se abram as veias poéticas.

3. As Terras de Ninguém

Algumas raízes do Brasil colonial estendem-se até a organização territorial contemporânea. A posse de grandes extensões de terra nos domínios de poucas famílias pertencentes à elite, bem como sua subsequente tradição política do coronelismo e dos votos de cabresto, são condições determinantes para que grande parcela da população rural brasileira ainda viva submetida às precárias condições de sobrevivência no campo, à mercê dos inquestionáveis mandamentos ditados por coronéis autoritários e seus capatazes. Essa “ditadura dos domínios agrários”, palavras de Holanda (1995, p.88), nutrida pelas estruturas políticas do velho regime senhorial, faz do campo brasileiro um espaço onde os direitos humanos e trabalhistas permanecem suspensos. As leis que vigoram no latifúndio não muito se diferem da concepção de Paulo Freire acerca do nosso período colonial, no qual o ser humano era constantemente esmagado pelo poder: o “poder dos senhores das terras. Poder dos governadores-gerais, dos capitães-gerais, dos vice-reis, do capitão-mor” (FREIRE, 2016b, p.100).

Ainda hoje, inúmeros conflitos pela terra no espaço brasileiro levam milhares de famílias a morrerem na disputa por um pedaço de chão para plantar e viver. As turbulentas relações de poder que se estabelecem no meio rural são discutidas não somente nos âmbitos acadêmicos, como também nas searas artísticas. Em denúncia à condição de miséria e desigualdade em que vivem os trabalhadores brasileiros, expropriados de sua dignidade por quem “recolhe todos os frutos e benefícios do trabalho alheio” (MARX, 1977, p.12), o romancista baiano Jorge Amado reconstrói em muitas de suas obras o cenário da monocultura cacaueteira no Sul da Bahia, “um dos seus *leitmotifs* literários mais característicos” (BERGAMO, 2008, p.76). Ao fim de seu célebre romance *Terras do Sem Fim*, o autor ironicamente enaltece a fertilidade do solo sul-baiano apontando-o como “a melhor terra do mundo para o plantio de cacau, aquela terra adubada com sangue” (AMADO, 1978, p.274).

Acreditamos que as obras literárias que trazem uma abordagem crítica sobre determinada realidade social são dotadas de considerável valor didático – além de todas as outras benesses promovidas pelo exercício da leitura. Diversos escritores constroem suas narrativas a partir dos costumes, questionando as estruturas de poder que se apresentam. Partindo do pressuposto de que “a literatura engajada transforma-se num instrumento comprometido em esquadrihar e denunciar as mazelas de uma realidade histórica perversa” (BERGAMO, 2008, p.50), procuramos planejar nossas *práxis* educacionais sempre considerando a necessidade urgente de se integrar as expressões artísticas e o ensino-aprendizagem. Em sua *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire nos fala da capacidade dos romancistas de captar a essência da cultura de seu povo e traduzi-la em narrativa lírica, ao dizer que “Guimarães Rosa nos parece um exemplo – e genial exemplo – de como pode um escritor captar fielmente, não a pronúncia, não a corruptela prosódica, mas a sintaxe do povo das Gerais – a estrutura de seu pensamento” (FREIRE, 2005, p.122).

No caso da Geografia Agrária, uma vastidão de contos, romances e poesias pode ser trabalhada para que se possa compreender a organização do espaço mundial e as condições de vida dos seres humanos que habitam os territórios rurais. Em 1979, o escritor português José Saramago publica o livro *Levantado do Chão*, fazendo

uma crítica ao Estado Novo de Salazar (ditadura que durou de 1933 a 1974 em Portugal) e denunciando a problemática da vida campesina do país no referido período: a fome, a exploração, a miséria, a repressão, o trabalho infantil. Segundo o autor,

esta criança, palavra só por comodidade usada, pois no latifúndio não se ordenam assim as populações em modo de prever-se e respeitar-se tal categoria, tudo são vivos e basta, que os mortos é só enterrá-los, não é possível fazer trabalhar os mortos, esta criança é apenas uma entre milheiros, todas iguais, todas sofredoras, todas ignorantes do mal que fizeram para merecerem tal castigo. [...] Não haverá mais vida que este arrastamento, bicho que ao cimo da terra compadreja com outros bichos, os domésticos e os ariscos, os úteis e os nocivos, e ele próprio, com seus semelhantes humanos, tratado como nocivo ou útil, consoante as necessidades do latifúndio. E há o desemprego, primeiro os mais moços, depois as mulheres, por fim os homens. Vão caravanas pelos caminhos à procura de um salário miserável. Não se vêem nessas alturas feitores nem capatazes nem manajeiros, muito menos se veriam patrões, todos fechados em suas casas, ou longe na capital e noutros resguardos. A terra é só crosta seca ou lamaçal, não importa. Cozem-se ervas, vive-se disso, e os olhos ardem, o estômago faz-se tambor, e vêm as longas, dolorosas diarreias, o abandono do corpo que se desfaz de si próprio, fétido, carga insuportável. Apetece morrer, e há quem morra. (SARAMAGO, 2000, p.56)

Árdua, a vida campesina que se apresenta no relato de Saramago dialoga com a afirmativa de Eduardo Galeano de que “El latifúndio multiplica las bocas pero no los panes” (GALEANO, 2016, p.165). O contraste entre os famintos e os pães também aparece no romance *Cacau*, de Jorge Amado, no qual o protagonista nos conta:

Detive-me junto a uma padaria. Molecotes e empregados entravam e saíam com embrulhos de pães e biscoitos. Eu entrei também. E quedei-me olhando o imenso monte de pão que subia pela parede até tocar na imagem de São José, padroeiro da Pastelaria X do Problema. Pensei em Jesus multiplicando os pães. Mas logo depois não via mais Jesus. Via a fome. E a fome com os cabelos de Jesus e os seus olhos suaves. A fome multiplicava os pães, enchia a pastelaria toda, deixando um canto apenas para o empregado. (AMADO, 2010a, p.29-30 – grifo nosso)

Abrindo mão da prosa, entretanto abordando as condições sociais do campesinato, o poeta João Cabral de Melo Neto versifica, em *Morte e vida severina*, retratos do agreste pernambucano:

Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta.
E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).
(MELO NETO, 2006, p.50)

332

Tantos outros fragmentos literários poderiam ser citados no presente trabalho como exemplo de que os romances podem perfeitamente vir em auxílio daqueles que buscam compreender geografias. Na década de 1940, no primeiro volume de *Geografia da Fome*, o médico e nutricionista Josué de Castro destaca que Jorge Amado, nos livros *Cacau*, *Terras do Sem Fim* e *Gabriela, cravo e canela* faz um retrato fidelíssimo da “miséria física” e da “miséria moral” na zona cacauera baiana (CASTRO, 1961, p.215). Em *São Jorge dos Ilhéus*, Amado não exagera em dizer que as mulheres grapiúnas, esposas dos agricultores que trabalham colhendo os côcos dos cacauais, “parem meninos que comerão terra” (AMADO, 2010b, p.105), uma vez que Josué de Castro também menciona a prática da “geofagia”, que consiste em ingerir punhados de solo para suprir as necessidades crônicas de ferro no organismo (CASTRO, 1961, p.195).

Não ocasionalmente, deixamos que o nosso trabalho recebesse forte influência dos romances proletários de Jorge Amado. Além de o autor utilizar uma linguagem simples, de fácil assimilação, sua trama constitui bom panorama da estrutura social do campo brasileiro – no caso, representado pela região do cacau. Os elementos políticos, econômicos e culturais que se cruzam nas tramas “jorge-amadeanas” permitem fazer uma boa reflexão sobre a estrutura fundiária brasileira.

Ao trabalhar a temática dos fluxos migratórios no campo, estamos de acordo com a afirmativa de que “as grandes massas migratórias são formadas por migrantes forçados” (SANTOS, 2014, p.125). Alguns migrantes rumam temporariamente do sertão e do agreste nordestinos para trabalhar no litoral, durante a estiagem – os chamados bóias-frias, catingueiros, corumbas ou asas-brancas (ANDRADE, 1994, p.203). Há também os retirantes da fome, da seca e das violências do campo, multidões de miseráveis que largam sua terra natal para ir em busca de uma chance mínima de sobrevivência nas grandes cidades, acarretando no fenômeno das macrocefalias urbanas. Novamente voltamos ao Jorge Amado de *Gabriela, cravo e canela*, que descreve a trajetória dos migrantes sertanejos e sua condição de vida ao chegarem na cidade:

Os bandos de imigrantes desciam do sertão, a seca nos seus calcanhares, abandonavam a terra árida onde o gado morria e as plantações não vingavam, tomavam as picadas em direção ao sul. Muitos ficavam pelo caminho não suportavam a travessia de horrores, outros morriam ao entrar na região das chuvas onde o tifo, o impaludismo, a bexiga os esperavam. Chegavam dizimados, restos de famílias, quase mortos de cansaço, mas os corações pulsavam de esperança naquele dia derradeiro de marcha (p.94). [...] Antes de começar o morro da Conquista ficava o “mercado dos escravos”. Alguém assim apelidara, há tempos, o lugar onde os retirantes acampavam à espera de trabalho. O nome pegara, ninguém chamava de outra maneira. Amontoavam-se ali os sertanejos fugidos da seca, os mais pobres entre quantos deixavam suas casas e suas terras no apelo do cacau. (AMADO, 2008, p. 130)

As terras-sem-lei do latifúndio permanecem governadas por uma lógica política que remonta ao período colonial em vários aspectos. Estamos de acordo com Guevara, quando o autor nos diz que “los poderes coloniales pueden tener muchas intenciones, todas malas” (GUEVARA, 2014, p.154). Talvez uma das maiores heranças do regime senhoril no Brasil seja a expansão dos domínios territoriais de grandes fazendeiros mediante a desapropriação violenta das famílias de pequenos produtores que ocupam determinada porção de terra há gerações, vivendo da agricultura de subsistência, que súbito se veem expulsas do seu terreno para dar lugar aos cultivos monocultores do grande proprietário. A partir desse movimento de expropriação, os trabalhadores que permanecem na terra o fazem na condição de meros “alugados” do novo proprietário. Fazendo mais uma conexão com Jorge Amado, no romance *Seara Vermelha*, ideal para discutir

várias temáticas da Geografia Agrária, o autor nos afirma que “a vida era difícil e ruim. Metade da farinha, do milho e da batata era para a fazenda, além do dia de trabalho gratuito, obrigatório pelo contrato do meeiro” (AMADO, 2009, p.22), retrato da condição servil e semi-escravocrata sob a qual vivem milhares de famílias camponesas.

Refletindo sobre a necessidade urgente de que haja uma Reforma Agrária no Brasil, para se começar a pensar em democracia verdadeira, Ariovaldo Umbelino de Oliveira afirma que a luta pela terra não se trata apenas da luta pelo acesso à terra, mas também (e principalmente) de uma luta “contra quem está por trás da propriedade capitalista da terra” (OLIVEIRA, 1986, p.81), os proprietários que mantêm o seu poder monopolista cometendo barbáries no campo brasileiro, por meio de milícias armadas e “massacres de camponeses” (MOREIRA, 2014, p.176).

A luta pela reforma agrária não se registra apenas nas produções das searas acadêmicas. Muitas das obras citadas no presente trabalho trazem explicitamente um apelo à desconcentração de terras e renda no Brasil e no mundo. No intenso e poético *Morte e vida severina*, o autor conta que o protagonista da história assiste ao funeral de um trabalhador de eito que morre (assassinado) por reclamar uma divisão justa das terras, e tem enfim uma grande cova para acomodar sua carne pouca; afinal, “a terra dada não se abre a boca” (MELO NETO, 2006, p.64). Já na literatura infantil, com uma escrita leve e didática, Chico Alencar cria *Pascoalzinho pé-no-chão*, uma fábula da reforma agrária, trama em que as famílias camponesas são representadas por famílias de coelhos. Explicando expropriações e grandes concentrações de terras, Alencar (2012, p.30) traz a metáfora de que tem “muita terra sem coelho e muito coelho sem terra”, evidenciando a necessidade da conscientização das massas populares, uma vez que “na escola da vida não há férias” (ALENCAR, 2012, p.33), para articular o coletivo em luta pelo bem comum – desde as crianças aos indivíduos mais velhos.

Denunciando a lógica vil de apropriação e colonização das populações menos favorecidas, Paulo Freire escreve que os cobiçosos senhores de terra proclamam que a necessidade da reforma agrária não passa de “invencionice absurda de falsos brasileiros” (FREIRE, 2016a, p.56). Vendo no latifúndio brasileiro atual uma forma de “mundo colonizado” – colonização dos saberes e da autonomia do

outro – insistimos em uma educação que desconstrua esse modelo arcaico de dominação física e intelectual, concordando com Fanon (2005, p.60) que no período de descolonização, a massa colonizada tende a escarnecer os valores colonizadores, insultá-los e vomitá-los, entendendo que “o colono faz a história e sabe que a faz” (FANON, 2005, p.68). A escravidão, que se arrastou por séculos e tem muitas de suas chagas ainda expostas na atualidade, foi comumente associada à ideia do desenvolvimento. Concordamos com a afirmativa de Walter Benjamin de que “essa tempestade é o que chamamos de progresso” (BENJAMIN, 1994, p.226). Afinal, cabe perguntar: progresso para quem?

4. As asas da escrita

Pelos campos e pela página, tomando de empréstimo os versos de Nietzsche (2012, p.43), não são só nossas mãos que escrevem. Os pés, nas andanças que vamos trilhando, também contribuem para que a nossa escrita seja viva, composta de realidades experimentais. Certa ocasião, percorríamos a divisa entre os estados brasileiros Sergipe e Bahia, por uma estrada secundária e pouco movimentada, cortando imensos canaviais, e avistamos três crianças que caminhavam sob o sol a pino do meio dia, carregando enxadas e podões. Aquela paisagem poeirenta e angustiante nos deixou com algo entalado na garganta, uma visão indigesta de garotos expropriados de suas infâncias para mergulharem na vida árdua do trabalho precoce, da pouca escolaridade, da baixa expectativa de vida. Somente meses depois conseguimos traduzir a inquietude pro papel, dando origem ao conto *Capim Colonião*, cujo primeiro parágrafo diz:

Três silhuetas humanas se vão pela estrada. Têm ainda seus braços e pernas inteiros, a estatura mais baixa que o costumeiro, e vão-se calados, poupando o esforço da fala. Levantaram mais cedo que o sol e já caminharam bom trecho, cuspiendo no chão, chutando pequenos rebos do caminho, sozinhos na vastidão da herdade. De pouca idade pra tanta andança, seriam crianças, pelo timbre da voz e tamanho dos dedos. Mas às necessidades da vida, já não são tão ledos, tornaram-se adultos, maduros e brutos, bebem aguardente, faceiros já fumam. Seus corpos pertencem ao grande usineiro.

Vitor Marques

O referido conto, ainda não publicado, compôs parte do material que utilizamos para discutir geografias agrárias com as turmas de 2ºs anos do Ensino Médio, na escola onde trabalhávamos em 2016. Em um primeiro momento, distribuímos o conto aos estudantes para que lessem em suas casas. Depois, desdobramos os planejamentos de aula a partir de elementos que apareciam em *Capim Colonião*: as condições de vida, o trabalho escravo infantil, a fome, as migrações e a violência no campo. Acreditamos ter surtido efeito. Os estudantes demonstraram interesse pela temática e dialogaram de forma fluida e confortável com o tema nas aulas seguintes. Ao fim do conteúdo programático, propusemos a escrita de uma redação e fomos surpreendidos com a quantidade de alunos que optaram por construir seus textos em narrativas líricas (que não temos autorização para reproduzir no presente trabalho), nas quais o “eu lírico” era um trabalhador rural que fala de sua jornada laboral; ou uma campesina que assiste ao assassinio do pai, humilde lavrador, pelos capatazes do coronel em nome da posse da terra; entre outros enredos – todos com tamanha profundidade de sentimentos e repletos de elementos que permitem retratos fidedignos da estrutura fundiária brasileira.

Valendo-nos do célebre conto de Rosa (2001, p.79), dizemos que a literatura tem o poder de nos levar à “terceira margem do rio” – algo que não está em nós nem no texto, mas numa síntese possível entre ambos. Nossa formação humana pressupõe diálogo com outras realidades, que atuam na reconstrução constante de nós mesmos. Se “a arte contribui de maneira determinante no processo de humanização” (JOSÉ, 2007, p.25), buscamos no crítico literário Antoine Compagnon a noção de que a literatura, como exercício de reflexão e experiência de escrita, responde a um projeto de conhecimento do mundo e do ser humano (COMPAGON, 2009, p.31). Sempre em construção, o ser humano é um ser inacabado por natureza, tal como a criação literária e a submersão no processo de leitura. A escritora Beatriz Sarlo nos fala dessa constante incompletude do trabalho de leitura, cumulativo e infinito, quando nos diz que “desdobrar as fissuras de um texto ou de uma lembrança conduz ao encontro de novas fissuras” (SARLO, 2013, p.44) – novas fissuras tanto no texto quanto em nós mesmos.

Em seu romance *O outro pé da sereia*, Mia Couto traz uma passagem na qual a protagonista da história passa a redescobrir suas raízes identitárias mediante mergulhos profundos na leitura, ao escrever: “Agora ela sabia: um livro é uma canoa. Esse era o barco que lhe faltava em Antigamente. Tivesse livros e ela faria a travessia para o outro lado do mundo, para o outro lado de si mesma”. (COUTO, 2006, p.238 – grifo nosso). Grifamos o vocábulo “travessia” por acreditar que dialoga perfeitamente com sua utilização no clássico *Grande sertão: veredas* (ROSA, 1978, p.460), ao fim da narrativa, justamente para deixar nas entrelinhas que a narrativa não se encerra ali; que as palavras vão reverberando por dentro de nós e participando também das nossas caminhadas, das construções de nossas trajetórias.

Edificando novos horizontes existenciais e literários, quem conta um conto aumenta um ponto. É possível beber em fontes líricas e abrir-se a uma escrita mais artística sem perder a confiabilidade científica do texto. Uma educação fechada às aptidões criativas de seus discentes para preservar valores dogmáticos de uma concepção estritamente mercadológica de ensino, propaga ranços históricos de opressão e dominação cultural sobre povos periféricos. Defendemos a ideia de que as geograficidades presentes em certas obras literárias não podem ser desconsideradas, encerradas na falácia de que não passam de puro entretenimento. O espaço geográfico reescreve-se a cada dia, seja na literatura ou nos traços arquitetônicos. A geografia nos convida ao devir perpétuo da reinvenção para compreender e problematizar o nosso lugar no mundo e os outros mundos possíveis. Para isso: experimentemos os espaços.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Chico. *Pascoalzinho pé-no-chão*: uma fábula da reforma agrária. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

AMADO, Jorge. *Terras do sem fim*. Rio de Janeiro: Record, 1978.

_____. *Gabriela, cravo e canela*: crônica de uma cidade do interior. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Seara vermelha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Cacau*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

_____. *São Jorge dos Ilhéus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

ANDRADE, Manuel Correia de. *Modernização e pobreza*: a expansão da agroindústria canavieira e seu impacto ecológico e social. São Paulo: Editora UNESP, 1994.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura; tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGAMO, Edvaldo. *Ficção e convicção*: Jorge Amado e o neo-realismo literário português. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*; o dilema brasileiro: pão ou aço. São Paulo: Brasiliense, 1961.

CLAVAL, Paul. *Terra dos Homens*: a geografia; tradução de Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2014.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?*. Tradução de Laura Taddei Barandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COUTO, Mia. *O outro pé da sereia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

DARDEL, Eric. *O homem e a terra*: natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*; tradução de Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio Século XXI Escolar*: O minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova

Fronteira, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016a.

_____. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 2016b.

GALEANO, Eduardo. *Las venas abiertas de América Latina*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016.

GUEVARA, Ernesto Che. *América Latina: Despertar de un continente*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2014.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUMBOLDT, Alexander von. *Quadros de Natureza*: vol.1. Tradução de Assis Carvalho. São Paulo: W. M. Jackson, 1952.

JOSÉ, Maria Tereza Scotton. *A outra voz na educação: sobre linguagens e poesia*. Guarapari: Ex Libris, 2007.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*; tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MARANDOLA JR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista (orgs.). *Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação*. Londrina: Eduel, 2010.

MARX, Karl. *A Origem do Capital: a acumulação primitiva*. Tradução de Walter S. Maia. São Paulo: Global, 1977.

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida severina e outros poemas para vozes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

MORAES, Vinicius de. *O operário em construção e outros poemas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

MOREIRA, Ruy. *A formação espacial brasileira: contribuição crítica aos fundamentos espaciais da geografia do Brasil*. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A gaia ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino de. *Modo capitalista de produção e*

agricultura. São Paulo: Ática, 1986.

PINTO, Lúcia Ricotta Vilela (et al). A paisagem em Alexander von Humboldt: o modo descritivo dos quadros da natureza. *Revista USP*, São Paulo, v. 46, p. 97-114, 2000.

QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. São Paulo: Siciliano, 1993.

ROSA, João Guimarães. *O Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

_____. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROWLING, Joanne Kathleen. *Harry Potter e a Câmara Secreta*; tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia*. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. *O Espaço do Cidadão*. São Paulo: Edusp, 2014.

SARAMAGO, José. *Levantado do Chão*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

SARLO, Beatriz. *Sete ensaios sobre Walter Benjamin e um lampejo*; tradução de Joana Angélica d'Avila Melo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. *O Hobbit*. Tradução de Lenita Maria Rimoli Esteves e Almiro Pisetta. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.